

Povos Indígenas no Brasil

Fonte: Journal da Tarde Class.: NO AM. geral 11

Data: 05.09.81 Pg.: \_\_\_\_\_

190 O QUE A CIVILIZAÇÃO LEVOU AOS ÍNDIOS?

As missões desmancharam toda uma estrutura social, acabaram com uma cultura milenar.

Sr.: "No último dia 29, sábado, a TV Globo divulgou uma 'denúncia' das missões salesianas do Alto Rio Negro, segundo a qual índios da região estariam abandonando suas aldeias para empregar-se como trabalhadores braçais nas plantações de cocaína da Colômbia. Uma das freiras entrevistadas pela TV disse ainda que, dentro do mesmo panorama de destruição das culturas indígenas, muitas mulheres que abandonaram as tribos acabaram tornando-se prostitutas nos bordéis dos povoados próximos.

Ora, embora esses fatos sejam inteiramente reais, a versão apresentada omite o que me parece ser justamente o essencial na questão indígena dessa região. A situação relatada pelas freiras resulta, em grande parte, da atuação das próprias missões salesianas, que, destruindo as culturas indígenas sob o pretexto da 'catequese' e da 'civilização', não deixou aos índios outra alternativa senão a de se 'integrarem' na sociedade branca, entrando pela única porta que lhes foi aberta, isto é, por baixo. O que ocorre é que as missões desmancharam toda uma estrutura social, acabaram com uma cultura milenar para transformar aqueles que outrora cantavam a Deus, em 'plantadores de coca e prostitutas'.

Para demonstrar o desprezo com que essas missões trataram os índios, vejamos um exemplo: em 1949, em seu livro intitula-

do OS TUCANO, o padre salesiano Antonio Giacone diz, quanto às cerimônias que acompanham o nascimento da criança índia: 'Acabados os augúrios, o velho (avô) dá o nome, que geralmente é de animal, de planta ou de coisas desprezíveis'. E foi com esse desprezo que os padres profanaram instrumentos rituais sagrados dos índios Tucano, que chamaram suas festas de 'festas do demônio', que batizaram e deram nomes de brancos a todos os indiozinhos que encontravam — nomes que para eles não têm significado algum (pois se para nós mesmos já não têm), ao contrário dos nomes 'sonhados' ou 'ouvidos' nas cerimônias especiais que acompanham toda a gestação e o nascimento da criança índia e com as quais esta já é integrada num universo simbólico, social e religioso, desde antes do nascimento.

Mais um trecho do livro do Pe. Giacone: 'A mãe nunca se separa do filho, carregando-o nos braços, como um cachorrinho, e colocando-lhe sobre o corpo apenas um trapo nojento, ou pedaço de saia usada e descolorida'. Pedaço de saia que os padres obrigaram as índias a usarem para esconder sua nudez 'pecaminosa'.

Antes não havia prostituição, o dinheiro, a falta de emprego. A mata, para quem ali vive em comunhão e conhece seus segredos, é fecunda, abundante em frutas, peixes e raízes. Mas o café e o açúcar vêm de barco pelo rio e custam muito caro, ou vêm de avião para os padres e freiras.

Álvaro Fernandes Sampaio, índio Tucano que estudou com os padres salesianos e que hoje assiste com tristeza a desgraça de seu povo, a aculturação da qual ele também é uma vítima, a perda da sua identidade, diz num depoimento a Carlos A. Luppi publicado no Folhetim de 24 de maio de 1981: 'Aqui o mundo não parece ter sol ou parece que a população indígena está dormindo e so-

nhando, passando pesadelo. Mais de uma centena de índias alunas salesianas chegam a São Gabriel atrás do 'progresso', das festas, conhecer novidades ou serem civilizadas'. Pobres índias que perderam a dignidade de uma nação outrora orgulhosa e forte, em "infernhos", o rosto borrado de uma pintura malfesta, imitando as brancas, mendigando o título de civilizadas. Nas palavras de Álvaro: "Várias delas pegam o vício de fumar, beber e se maquilam sem jeito para entrar no jogo da atualidade. São bem queridas nas portas dos clubes, o ingresso é grátis, já os índios eram tratados aos empurros com palavras ofensivas e discriminações".

Mas os padres continuam insistindo em formar profissionalmente em oficinas de artesanato, mecânica, marcenaria e costura, em meio à selva, aqueles que antes eram exímios caçadores e pescadores. Os utensílios domésticos feitos pelas índias, carregadas de um simbolismo ritual, hoje são vendidos em Manaus com o monopólio dos salesianos, e as índias usam panelas de alumínio compradas dos brancos para cozinhar e como canecas usam latinhas de conservas ou de bebidas. Os ofícios indígenas têm, todos, significados simbólicos e religiosos, e a 'formação profissional' dada pelos padres consiste em trocar esses trabalhos sacros por tarefas sem outra significação senão a econômica.

Antes havia as cerimônias, as festas, as curas que, como conta Álvaro com saudades, 'eram tais e de tamanha força que uniam toda a família índia'. Mas foram consideradas 'satânicas' — e hoje os índios não se importam mais em deixar os

parentes (dentro de uma tribo todos chamavam-se irmãos) para ir à Colômbia ou qualquer outro lugar onde consigam ganhar dinheiro.

Álvaro Fernandes Sampaio, hoje vice-presidente da Unind — União das Nações Indígenas —, continua seu depoimento: 'Tal palavra — a civilização — espanta os indígenas de suas terras e fazem-nos perder seus costumes, sua língua, sua identidade. Todos são ex-alunos salesianos. Em casa só ficam os velhos pais chorando de saudades, ou quando adoentados a situação é pior porque eles não têm assistência dos filhos. A maioria dos ex-alunos vai para a Colômbia e a Venezuela, outros para Manaus ou param nos regatões dos comerciantes para trabalhar nos seringais, nos piaçabais e, recentemente, nos cipozais. Ficam marginalizados, são ludibriados e perdem o futuro do povo. Algumas meninas índias vão para Manaus trabalhar no colégio de freiras, isto é, no Colégio Auxiliar e Patronato Santa Tereziinha ou no Noviciado São José. Nessas casas o trabalho é duro, isto é, não há domingo nem feriado, além de ultrapassar as oito horas e o salário ser mínimo. Assim acontece com meu pessoal. Outras dezenas de índias que foram empregadas nesses colégios hoje encontram-se nas casas dos oficiais da FAB também com baixo salário. Muitas das índias que são empregadas domésticas não são bem tratadas, e muitas vezes humilhadas. E por isso muitas não ficam no emprego e passam a procurar outra patroa'.

Quando o repórter perguntou à freira qual o maior problema que a missão enfrenta, ela logo respondeu que era o problema da língua: as freiras não sabem falar tucano! Então dizem aos índios que aquela língua é do diabo e, assim, os pais começam a deixar de ensinar aos seus filhos, junto aos mitos tradicionais, a língua natal. E quando ninguém mais falar tucano, os padres terão tudo anotadinho em livros; quando ninguém mais realizar nenhum de seus rituais tradicionais no Alto Rio Negro, será famoso o museu dos padres salesianos em Manaus, pois ali estarão objetos sagrados de cultos extintos (ou melhor, extirpados). E talvez aí, se tentarem entender esses rituais ao invés de apenas chamá-los de demoníacos, descubram tardiamente que, como disse um cacique norte-americano, em 1854, 'o nosso Deus é o mesmo Deus'.

Para que, entretanto, certas correntes de opinião não se utilizem de minhas palavras para combater, com propósitos inconfessáveis, a própria religião católica, devo esclarecer que escrevo tudo isso desde um ponto de vista estritamente cristão, e que não considero a ação dessas missões salesianas uma expressão do cristianismo, mas precisamente da sua decadência nos últimos séculos. Em suma, como disse Frithjof Schuon, o grande estudioso de religiões comparadas, não será destruindo a tradição espiritual na casa alheia que haveremos de restaurá-la em nossa própria casa." Lígia Trucco, Capital.

